

## PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM APLICADOS AO ENSINO SUPERIOR

*Roberson Vieira Machado<sup>1</sup>, Andressa Schiavone Pereira Aquaroni Vieira<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Pós-graduação em Pedagogia Empresarial e Desenvolvimento do Conhecimento; Pós-graduação em Docência no Ensino Superior: Tecnologias Educacionais e Inovação, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. [robersonvieira@hotmail.com](mailto:robersonvieira@hotmail.com)

<sup>2</sup>Orientadora, Especialista, Professora Mediadora em cursos de Pós-graduação, Universidade Cesumar – UNICESUMAR, Campus Maringá/PR. [andressa.schiavone@unicesumar.edu.br](mailto:andressa.schiavone@unicesumar.edu.br)

### RESUMO

A aprendizagem, de modo geral, trata-se de um processo dinâmico que envolve a interação do aluno com o meio. Nesse sentido, aprender significa ser, agora, capaz de fazer algo que antes não se conseguia, ou seja, aprender uma nova habilidade como, por exemplo, utilizar uma nova ferramenta tecnológica. Dentre as principais correntes teóricas que abordam o processo de aprendizagem, temos a teoria behaviorista e a cognitiva, as quais receberam destaque no presente artigo. Falando sobre a construção do conhecimento no ensino superior, a andragogia é uma metodologia ou uma estratégia voltada à aprendizagem do ser humano, especificamente, ao ensino de jovens e adultos. Enfim, o presente artigo buscou entender os princípios da aprendizagem aplicados ao ensino superior, sem ignorar o papel do professor nesse processo e ainda, os estilos de aprendizagem e suas particularidades do público jovem-adulto. Para tal, a elaboração deste trabalho se deu através de pesquisa bibliográfica, a qual permitiu identificar que o aprendiz jovem-adulto já chega com uma bagagem que precisa ser considerada, juntamente com seu estilo de aprendizagem, para a construção de novos saberes. Também foi possível perceber que a discussão sobre os princípios da aprendizagem aplicados ao ensino superior ainda não atingiu a maturidade plena e abre espaço para que os pesquisadores voltem sua atenção para a realização de estudos *in loco*, especialmente nesse momento em que muitas instituições de ensino superior vêm passando por mudanças e adaptações para cumprir seu objetivo no contexto educacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Andragogia; Desenvolvimento humano; Papel do professor.

### 1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem tem sido estudada e envolve conhecimentos de diversas áreas como, por exemplo, a neuropsicologia, a psicologia, a pedagogia e a educação. Isso demonstra o quão importante é buscar o entendimento sobre o que o aprender significa e qual o alcance da aprendizagem na vida das pessoas, de modo geral, independentemente da idade, da formação ou da profissão que venham ocupar.

Foi com base nessa premissa que este artigo foi desenvolvido, tendo como objetivo geral, apresentar as principais teorias da aprendizagem e estabelecer uma análise geral desses conceitos aplicados ao ensino de jovens e adultos considerando a construção do conhecimento no ensino superior.

Dessa forma, este estudo está subdividido em três tópicos, em que no primeiro será abordada a aprendizagem, trazendo alguns conceitos e definições sobre o termo, bem como, suas principais teorias e sua relação com o desenvolvimento humano. No segundo tópico serão apresentados conceitos sobre a andragogia e a construção do conhecimento no ensino superior. Já no terceiro tópico será comentado sobre o contexto educacional de nível superior e o papel do professor nesse cenário. No terceiro tópico, ainda serão abordados os estilos de aprendizagem aplicados ao ensino superior. E então, nas considerações finais, serão indicados alguns pontos sobre a relevância do tema abordado para o processo de ensino de jovens e adultos, especificamente no ensino superior. E, por fim, a metodologia será evidenciada apresentando os principais autores escolhidos para fundamentar o trabalho de cunho bibliográfico.

Enfim, a escolha deste tema para a elaboração de um artigo científico deve-se à importância de se diferenciar as práticas de ensino-aprendizagem conforme o público

atendido, o qual, para fins deste estudo, trata-se de jovens e adultos inseridos no ensino superior. Para tal, a elaboração deste trabalho se deu através de pesquisa bibliográfica, devidamente selecionada, lida, citada e comentada para fornecer as informações necessárias, garantindo os conhecimentos estabelecidos como objetivos.

## 2 APRENDIZAGEM: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Ao discutir a relação desenvolvimento-aprendizagem, a proposta da teoria sócio-histórica aponta que a aprendizagem gera desenvolvimento, no sentido de que o desenvolvimento é motivado pela aprendizagem. Partindo desse pressuposto, aprender implica estar com o outro, que por sua vez, tem o papel de mediador da cultura (WERTSCH; DEL RIO; & ALVAREZ, 1998, apud AZEVEDO, 2012).

Nesse sentido, Hazin, Lautert e Garcia (2012, p. 109), afirmam que “[...] a aprendizagem pode ser definida como processo psicológico através do qual a criança adquire ou amplia os seus conhecimentos e competências com o auxílio de mediadores da cultura”.

Para Jean Piaget e Lev Vygotsky, dois grandes pensadores na área da educação, “[...] a aprendizagem tem caráter social e só ocorrem mudanças cognitivas quando conceitos previamente estabelecidos por alguém são abalados por novas informações” (SLAVIN, 2003 apud CAMARA, 2015, p. 14). A partir das afirmações anteriores, pode-se entender que “[...] a aprendizagem define comportamentos, valores, conhecimentos e competência pelas experiências vividas, pela observação e pelo raciocínio” (CAMARA, 2015, p. 19), sempre considerando a interação que o indivíduo estabelece com o outro e com o meio em que está inserido.

Nesse contexto, a atividade de aprendizagem é considerada um componente da atividade humana, orientada para a aquisição, não apenas de conceitos, generalizações, análise, síntese, raciocínio teórico, pensamento lógico... mas também para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, subjetivo e social (FRANCO, 2012, p. 150).

Ao buscar compreender a importância da aprendizagem, a prática pedagógica abordou, entre outros aspectos, os contextos culturais, uma vez que, tal prática não abrange somente o professor, o aluno, a escola ou os programas de forma isolada. Isso porque a aprendizagem deve ser vista como um todo, não sendo possível entendê-la como algo isolado, estagnado ou em partes (METTRAU, 2012).

Para Edward L. Thorndike (1874-1949), um dos pioneiros na aplicação da ciência da psicologia ao processo de aprendizagem, a aprendizagem ocorre aos poucos, de modo incremental, por tentativa e erro. Ele defendeu um aprendizado ativo por parte dos alunos em ambientes estruturados para proporcionar determinados estímulos, partindo do princípio de que o processo de aprendizagem se baseia em associação entre impressões que os sentidos nos trazem e impulsos para agir (HAMMOND, 2001 apud CAMARA, 2015).

Diante disso, pode-se afirmar que “[...] o conceito de aprendizagem é complexo porque envolve a interação de diversos fatores e processos pelos quais compreendemos conceitos de temas específicos, como matemática, português e desenho” (LAKOMY, 2014, p. 11). Portanto, considerando as abordagens anteriores, “[...] podemos afirmar que aprendizagem é um processo dinâmico que envolve a interação do aluno com o meio” (LAKOMY, 2014, p. 38). Enfim, “[...] aprender significa ser, agora, capaz de fazer algo que antes não se conseguia, ou seja, aprender, por exemplo, a ler, a escrever, a dançar ou a utilizar a internet” (LAKOMY, 2014, p. 11).

## 2.1 PRINCIPAIS TEORIAS DA APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Dentre as diversas correntes teóricas que abordam o processo de aprendizagem, duas teorias serão tratadas neste artigo, sendo elas: a **behaviorista** ou **comportamentalista** e a **cognitiva** (grifos nosso). Segundo Camara (2015, p. 9), “[...] ao longo de toda a primeira metade do século XX, as teorias de aprendizagem que se baseavam no behaviorismo dominaram a área da psicologia dedicada a esse processo”.

John Broadus Watson (1878-1958) foi um psicólogo estadunidense, considerado o precursor do behaviorismo ou, como também é conhecido, do comportamentalismo. Como descreve o Dicionário de Psicologia da American Psychological Association – APA (2010, p. 134), behaviorismo é a “[...] abordagem psicológica, formulada em 1913 por John B. Watson, baseada no estudo de fatos objetivos, observáveis e não em processos subjetivos, qualitativos, tais como os sentimentos, motivos e consciência” (apud NOGUEIRA; LEAL, 2015, 63 e 64).

Outro grande nome atribuído ao behaviorismo é o do professor, tido como um dos psicólogos mais influentes do mundo, Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Em seus estudos, Skinner apontou que a modificação do comportamento mediante reforço positivo (recompensa), tinha por objetivo reforçar o comportamento desejado e não reforçar o comportamento indesejado. Sendo assim, o reforço positivo controlaria ou modificaria o comportamento individual ou coletivo (NOGUEIRA; LEAL, 2015).

A partir desses pensamentos voltados para o comportamentalismo, entende-se que a aprendizagem é o resultado de respostas a eventos externos (estímulos ambientais), como as recompensas, por exemplo. Dessa forma, a aprendizagem seria uma modificação de um comportamento como resultado de um condicionamento.

Desenvolvida inicialmente pelo pedagogo e filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) e, depois, pelo psicólogo, também norte-americano, Jerome Bruner (1915-1980), a teoria cognitiva concebe a aprendizagem *como solução de problemas*. Nessa linha de pensamento, é por meio da solução dos problemas do dia a dia que os indivíduos se ajustam ao seu ambiente. Em seus estudos, Dewey defende que a aprendizagem deve se aproximar ao máximo possível da vida prática dos alunos (PILETTI, 2013, grifos dos autores).

Para o cognitivista Jean William Fritz Piaget (1896-1980):

[...] como mecanismo de adaptação do indivíduo a uma situação inusitada, a inteligência implica o desenvolvimento contínuo de estruturas que viabilizam a adaptação do organismo ao meio. Daí a capacidade das pessoas em desenvolverem o seu intelecto pelos estímulos oferecidos pelo ambiente, bem como pela complexidade de exercícios que realizam (PIAGET apud LAKOMY, 2014, p. 24).

Ao estudar o processo de desenvolvimento humano, Piaget considerou como ponto de partida que, a relação entre o sujeito e os meios físico e social, estabelecem contínuas relações entre si, nas quais um constitui o outro e ambos se transformam mutuamente (NOGUEIRA; LEAL, 2015). Para Lev Semyonovitch Vygotsky (1896-1934), pesquisador contemporâneo de Piaget, sua maior preocupação foi:

[...] entender a influência da linguagem e da comunicação no desenvolvimento cognitivo do indivíduo tendo em vista o contexto histórico no qual vivia – a Revolução Socialista. Por isso, o autor considerava de extrema importância o aprendizado para que o indivíduo pudesse compreender e analisar o contexto histórico no qual estava inserido. Assim, para Vygotsky, o contexto social e o desenvolvimento cognitivo humano caminham juntos (VYGOTSKY apud LAKOMY, 2014, p. 30).

Enxergar e ouvir são, na visão de Vygotsky, exemplos de funções mentais com as quais nascemos dotados. Em contrapartida, precisamos desenvolver por meio da aprendizagem – processo que desempenha um papel central no amadurecimento da espécie humana –, as funções psicológicas superiores como, por exemplo, a consciência e o planejamento (CAMARA, 2015).

Nesse sentido, pode-se observar que, são fatores merecedores de destaque e grau de importância no processo de desenvolvimento da inteligência e, conseqüentemente, da aprendizagem, na perspectiva dos teóricos cognitivistas: a maturação biológica, o conhecimento prévio, o desenvolvimento da linguagem, o processo de interação social e a descoberta da afetividade (LAKOMY, 2014). O ser humano está sempre aprendendo, ao longo de toda a vida, seja de forma intencional ou não, em todas as suas fases de crescimento, desde criança até a sua fase adulta. E sobre esse processo de aprendizagem, é importante considerar que não se trata de uma simples passagem da ignorância ao saber, sem que haja resistências e conflitos, uma vez que aprender envolve mudança, desapegar de algo para adquirir algo novo, ou seja, trata-se de um fenômeno a partir do qual um sujeito toma para si uma nova forma de conduta, transformando a informação adquirida em novos conhecimentos, hábitos e atitudes (LAKOMY, 2014).

E ao falar sobre a relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem, podemos constatar que o desenvolvimento é um impulso próprio do ser humano que o conduz à aquisição de conhecimentos e habilidades, de tal forma que o torne uma pessoa não só adaptada ao meio em que vive como também consciente do seu potencial de crescimento (COELHO, 2014). Seguindo essa linha de raciocínio, Ana Maria Lakomy afirma que:

A aprendizagem ocorre quando, por meio de uma experiência, mudamos nosso conhecimento anterior a respeito de uma ideia, comportamento ou conceito. Ela também acontece quando mudamos nossos comportamentos, como decidir parar de fumar depois de assistir a uma palestra sobre as conseqüências nocivas do fumo à saúde (2014, p. 12).

Portanto, “[...] é importante entendermos que, para a aprendizagem ocorrer, é necessário que haja uma interação ou troca de experiências do indivíduo com o meio ambiente ou a comunidade educativa na qual ele se insere” (LAKOMY, 2014, p. 13).

### 3 ANDRAGOGIA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO SUPERIOR

Ao iniciar os estudos sobre a andragogia, faz-se necessário entender antes, do que se trata a **Pedagogia**, termo mais conhecido, de modo geral. De origem grega, tem em sua composição as palavras *paidós* (criança), *agein* (conduzir) e *logos* (ciência). Portanto, pedagogia significa, literalmente, a arte e a ciência de educar crianças, uma vez que o adulto não era considerado sujeito da aprendizagem até pouco tempo (DEAQUINO, 2017; NOGUEIRA, 2012; PAIVA, 2020; grifos dos autores).

Apesar de sua origem etimológica, até pouco tempo, o modelo pedagógico era aplicado tanto ao ensino de crianças quanto ao de adultos, de modo indiscriminado e, por isso, algumas características presentes em muitos adultos, como a independência e a responsabilidade por seus próprios atos, por exemplo, acabavam sendo bloqueadas. Isso porque, grande parte dos adultos são motivados a aprender pela oportunidade de resolverem melhor os problemas que se apresentam em suas vidas e, por causa disso querem controlar o conteúdo do aprendizado. Tal modelo pedagógico dá origem à resistência ao aprendizado nos adultos, uma vez que não considera as mudanças que ocorrem no ser humano quando ele passa da infância para a adolescência e depois para a

fase adulta (DEAQUINO, 2017). Para Munhoz (2017, p. 18.), “assim como a pedagogia, a andragogia é uma metodologia ou uma estratégia voltada à aprendizagem do ser humano. No entanto, ao passo que a primeira se ocupa do aprendizado de crianças, a segunda se volta a jovens e adultos”.

A importância da **Andragogia** revela-se na análise etimológica do termo, que tem sua origem no vocábulo grego, derivando das palavras *andros* (homem adulto), *agein* (conduzir), *gogos* (educar) e *logos* (ciência). O termo se popularizou em 1970 após a publicação do livro “*The modern practice of adult education: andragogy versus pedagogy*”, de Malcolm Shepherd Knowles (1913-1997), caracterizando-se como a arte e a ciência de orientar adultos a aprender. Significa, também, um conjunto de princípios de aprendizagem de adultos que se aplicam a situações que envolvem o docente (DEAQUINO, 2017; NOGUEIRA, 2012; PAIVA, 2020; VELER, 2014 apud MUNHOZ, 2017; grifos dos autores). Segundo DeAquino, a andragogia:

[...] apresenta-se, atualmente, como uma alternativa à pedagogia e refere-se à educação centrada no aprendiz para pessoas de todas as idades. No modelo andragógico de aprendizagem, a responsabilidade pela aprendizagem é compartilhada entre professor e aluno, o que cria um alinhamento entre essa abordagem e a maioria dos adultos, que busca independência e responsabilidade por aquilo que julga ser importante aprender (2017, p. 11).

Nesse sentido, a *andragogia* expressa não uma área do conhecimento ou da formação em nível de educação superior, mas um método e concepção baseado em alguns princípios, ou seja, metodologicamente, ela corresponde a um tipo de ciência que estuda as melhores práticas para orientar adultos a aprender. E, seguindo essa linha de raciocínio, é preciso considerar que a experiência é a fonte mais rica para a aprendizagem de adultos, já que os mesmos são motivados a aprender conforme vivenciam necessidades e interesses que a aprendizagem satisfará em sua vida (PAIVA, 2020). “De modo geral, a andragogia e a pedagogia apresentam diferenças significativas na maneira de abordar o aprendiz, o ambiente de aprendizagem e a forma como ocorre a interação professor-aluno” (DEAQUINO, 2017, p. 10 e 12).

Para o filósofo Immanuel Kant (1724-1804), “[...] as experiências servem para nos tornar conscientes de faculdades que já estão presentes em nós e representam as condições de possibilidades do conhecimento, ou seja, o que torna possível conhecer, transformar sensações em conhecimento” (SILVEIRA, 2002 apud CAMARA, 2015, p. 6). Ainda sobre o papel das experiências na construção do conhecimento, Munhoz (2017, p. 20) afirma que:

Para que o jovem e o adulto considerem a aprendizagem adquirida como algo de valor, é necessário que ela seja uma agente transformadora, capaz de provocar mudanças. Levar as pessoas a enxergar o mundo de maneira distinta gera diferentes comportamentos e formas de agir em dado contexto. Portanto, transmitir conteúdo é uma condição necessária, bem como dar ao aluno a oportunidade de escolher esse conteúdo entre uma série de opções. É na experimentação e na reflexão que novas definições se transformam em conceitos e estes consolidam novos conhecimentos.

Infelizmente ainda, para muitos docentes, a aprendizagem é confundida com suas manifestações exteriores e os resultados gerados por elas em si mesmos. Isso porque, em geral, o professor não compreende de maneira adequada o que acontece de fato no interior do sujeito quando ele aprende. Para alguns teóricos, por exemplo, a aprendizagem ocorre por meio de repetição e da imitação, referindo-se apenas a comportamentos observáveis e mensuráveis e, com esse pensamento, acabam não discutindo sobre as operações mentais

próprias do processo de construção do conhecimento que leva à aprendizagem (WOOLFOLK, 2000 apud LAKOMY, 2014).

#### 4 CONTEXTO EDUCACIONAL E O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO SUPERIOR

A educação em nível de ensino superior teve suas origens com o surgimento das primeiras universidades na França, na Inglaterra e na Itália, nos séculos XI e XII, a partir de escolas cristãs ou monásticas, para os estudos de artes, direito, medicina e teologia. Nos primórdios, a aprendizagem consistia em memorizar e recitar de cor. A partir então do renascimento, entre os séculos XV e XVII, que a concepção grega de educação foi resgatada, estimulando o aprendizado por meio da exploração do legado cultural deixado pela Antiguidade. Assim, o conhecimento deveria ser alcançado pela razão, com o questionamento de dogmas estabelecidos, a análise dos fenômenos e dos objetos e a experimentação (CAMARA, 2015).

Já nos dias de hoje, as instituições de ensino superior (IES) possuem ambientes munidos com tecnologia e, no caso do ensino superior, o público-alvo é formado por jovens e adultos, razão que torna o estudo da andragogia extremamente necessário (MUNHOZ, 2017). Diante disso, é importante esclarecer que:

[...] nas atividades realizadas em ambientes direcionados pela andragogia, os professores se transformaram em orientadores ou facilitadores – termos que identificam da melhor forma a ação e a prática docentes. Pode-se dizer que, por meio de uma série de recursos tidos como tecnologia educacional, o professor facilita a caminhada do aluno em direção ao conhecimento (MUNHOZ, 2017, p. 18, grifos dos autores).

Nesse sentido, ser professor no ensino superior deve ir além do simples papel de “passar informações”, especialmente porque estas estão disponíveis e acessíveis em vários lugares. Ele deve ser visto como um facilitador que ajuda o estudante a compreender, ressignificar e a se apropriar de forma crítica e criativa dos conteúdos propostos por uma educação superior de qualidade (NOGUEIRA, 2012).

Portanto, o que não se pode mais admitir é uma postura, seja dos professores, dos alunos ou das instituições de ensino, que conceba o professor como o detentor do conhecimento e o aluno como ser passivo, que não participa do processo de ensino e aprendizagem, recebendo apenas o que é passado pelo mestre. É fundamental que exista interatividade entre professores e alunos, bem como alunos entre si, de modo que o compartilhamento de conhecimento faça sentido para os envolvidos no processo (NOGUEIRA, 2012).

##### 4.1 ESTILOS DE APRENDIZAGEM APLICADOS AO ENSINO SUPERIOR

Muitas pessoas, na fase adulta, acabam enfrentando grandes problemas que, por sua vez, geram dificuldades em seu processo de aprendizagem. Um desses problemas está ligado ao fato de que foram acostumadas a aprender sob os preceitos pedagógicos, com alguém ensinando, transmitindo conteúdo e direcionando a aprendizagem. Outro problema é o fato de já estarem há algum tempo fora da sala de aula e, portanto, desacostumados a aprender. Esses são fatores que impactam diretamente o ensino superior (DEAQUINO, 2017).

Sobre a atuação do facilitador de jovens e adultos no ensino superior, é importante olhar para o processo de ensino e aprendizagem sob o ponto de vista do aluno e, para melhor compreensão desse assunto, acompanhe o passo a passo a seguir:

**Primeiro passo: olhar sob a perspectiva do aluno.** Quando o aluno jovem/adulto comete algum erro, o facilitador não deve corrigi-lo. Quando um adulto recebe uma punição por ter cometido um erro, todos os esforços desenvolvidos para garantir seu engajamento, sua motivação e sua participação ativa podem ser perdidos.

**Segundo passo: dar importância ao vocacional.** Antes de pisar no acelerador por um caminho, o aluno precisa realizar um levantamento inicial, com vistas à aquisição de novas competências e habilidades em seu perfil profissional. Porém, muitas vezes, ele não tem uma visão formada do que realmente deseja. Assim, uma conversa com o professor possibilita a identificação de um segundo aspecto importante: a questão vocacional.

**Terceiro passo: agir como líder.** Criar líderes é um dos desafios mais complicados no mercado corporativo. A situação é ainda pior no ambiente acadêmico, no qual o choque de vaidades pessoais é grande, o que acarreta dificuldades adicionais no sentido de o facilitador assumir aspectos que o tornem um líder. Trata-se do papel mais recomendado para que sua atuação como orientador seja exitosa (Adaptado de MUNHOZ, 2017, p. 22-24).

Os estilos de aprendizagem representam as competências pessoais dos alunos para processar informação em um ambiente de aprendizado. Isso significa que cada indivíduo tem sua própria capacidade para receber e processar informação, que pode ser resultante de experiências prévias ou de outros fatores cognitivos. Os estudos de aprendizagem podem ser vistos como um meio pelo qual as pessoas coletam informações, selecionam certas informações para futuro processamento e, usam significados, valores, habilidades e estratégias para solucionar problemas, tomar decisões e criar novos significados (DEAQUINO, 2017).

Ao falar sobre os estilos de aprendizagem e o aprendizado em sala de aula, DeAquino (2017, p. 45) afirma que:

O problema maior enfrentado na educação superior hoje em dia é que a maioria dos educadores falha em reconhecer a importância em se entender a 'linguagem' dos aprendizes. Essa falta de consciência e preocupação em entender as outras pessoas cria, muitas vezes, estereótipos em ambientes educacionais, de maneira que algumas pessoas muitas vezes são rotuladas de 'despreparadas' ou 'incapazes' por estarem sujeitas a um único estilo de transmissão de conhecimento que não é o seu.

Diante do exposto até aqui, pode-se entender que o estilo de aprendizagem representa a maneira preferencial de um indivíduo aprender e, quando o estilo do facilitador está alinhado ao do aprendiz, este acaba tendo, normalmente, uma experiência satisfatória e atitude mais favorável em relação à disciplina ou ao curso do qual ele participa. Portanto, o papel do professor no ensino superior tem a ver com a construção de uma metodologia que leve em conta o estilo de aprendizagem dos adultos, as condições concretas dos alunos críticos e, principalmente, a mentalidade de aprendizagem, indo, assim, além do papel de transmissor (DEAQUINO, 2017; NOGUEIRA, 2012).

## 5 CONCLUSÃO

Percebe-se então, ao final deste trabalho que, para que haja aprendizagem, é necessária uma troca entre os envolvidos nesse processo. De um lado, o aprendiz precisa estar disposto a aprender, se mostrando interessado nos problemas propostos. De outro lado, esses problemas devem cumprir seu papel de motivadores, ou seja, precisam ser estimulantes e, assim, há a necessidade de o professor dar a devida atenção aos fatores que motivam o aluno a aprender e entenda o processo de ensino e aprendizagem.

O aprendiz jovem-adulto já chega com uma bagagem que precisa ser considerada, juntamente com seu estilo de aprendizagem, para a construção de novos saberes.

Conclui-se o presente artigo destacando que, a discussão sobre os princípios da aprendizagem aplicados ao ensino superior, ainda não atingiu a maturidade plena e abre espaço para que os pesquisadores voltem sua atenção para a realização de estudos *in loco*, especialmente nesse momento em que muitas instituições de ensino superior vêm passando por mudanças e adaptações para cumprir seu objetivo no contexto educacional.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. Linguagem e mediação: implicação na formação do sujeito. *In*: BARONE, Leda Maria Codeço; ANDRADE, Márcia Siqueira de (orgs.). **Aprendizagem contextualizada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3338/pdf/0?code=eAAT+n+zN8sM8joa svv89m8W7ohqgHCqYMf9XmB4oLCeDaJ/gfoQdktZ14TQuX/ivZjwCukwbLfd1kNIBJcl/A=>. Acesso em: 07 abr. 2021.

CAMARA, Suzana Aparecida dos Santos (Organizadora). **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/31143/pdf/0?code=hOfVileV1I2l+x/X6e slfpe324HFfDekqnYqQvYzNpsea1xW39Gh7Pf0e59P9Af4T5jkb0zD/sHl2rM6hgg3zw==>. Acesso em: 07 abr. 2021.

COELHO, Wilson Ferreira. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Pearson Education do Brasil [online], 2014. (Coleção Bibliografia Universitária Pearson). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/22158/pdf/0?code=EawKNQgBlx9dA/Xhxhy1R5Y2QVoGPeCRGhS5wrnccCEkWB9pcjCBUq0z/WKo1pyKftU9hypgMw4Vjv80xb oVfg==>. Acesso em: 15 abr. 2021.

DEAQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall [online], 2017. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/428/pdf/0?code=SoXGCNTLqbSRcizlf CYB4EHhDRQrcxalHqamFAp3ZxQ97FxmSvz6Qjb96KwrBI8WXMqozOKTOEtRP6QdBnV PcQ==>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FRANCO, M. L. P. B. A atividade de aprendizagem: da origem a algumas de suas aplicações. *In*: BARONE, Leda Maria Codeço; ANDRADE, Márcia Siqueira de (Organizadoras). **Aprendizagem contextualizada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3338/pdf/0?code=eAAT+n+zN8sM8joa svv89m8W7ohqgHCqYMf9XmB4oLCeDaJ/gfoQdktZ14TQuX/ivZjwCukwbLfd1kNIBJcl/A=>. Acesso em: 07 abr. 2021.

HAZIN, I.; LAUTERT, S. L.; GARCIA, D. Diálogos entre neurociência e educação: ampliando as possibilidades de inclusão. *In*: BARONE, Leda Maria Codeço; ANDRADE, Márcia Siqueira de (orgs.). **Aprendizagem contextualizada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3338/pdf/0?code=eAAT+n+zN8sM8joa svv89m8W7ohqgHCqYMf9XmB4oLCeDaJ/gfoQdktZ14TQuX/ivZjwCukwbLfd1kNIBJcl/A=>. Acesso em: 07 Abr. 2021.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaber, 2014. (Série Construção Histórica da Educação). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/12874/pdf/0?code=OY4GBY5TJfxAV1t0r9qKAwyOL8D2nFPZlXn8iA+fpDaQYireMY2VVEjZgxR0ttAekWBEw2SOwZ31q97Fy8FVmg==>. Acesso em: 07 abr. 2021.

METTRAU, M. B. Os professores: concepção e representação da inteligência, prática pedagógica e aprendizagem. In: BARONE, Leda Maria Codeço; ANDRADE, Márcia Siqueira de (Organizadoras). **Aprendizagem contextualizada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3338/pdf/0?code=eAAT+n+zN8sM8joasvv89m8W7ohqgHCqYmF9XmB4oLCEdaJ/gfoQdktZ14TQuX/ivZjwCukwbLfd1kNIBJcl/A=>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MUNHOZ, Antonio Siemsen. **Andragogia**: a educação de jovens e de adultos em ambientes virtuais. Curitiba: InterSaber [online], 2017. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/147884/pdf/0?code=JZiHfeUq3s7/kN2QtSRieHovO87a7OwFkh5FcjIMqPc2vmAfeqt3pBl44mx38u0+ACvCsq8F1PtKbfpFMtWb9w==>. Acesso em: 15 abr. 2021.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Aprendizagem do aluno adulto**: implicações para a prática docente no ensino superior [livro eletrônico]. 1. ed. Curitiba: InterSaber, 2012. (Coleção Metodologia do Ensino na Educação Superior; v. 4). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/6336/pdf/0?code=JaQYzky0e3qbLLaltXDSz1kXSiBnnOT2q5pGevU/DQCsb2q3ZpJwzDu0t2aj3N6ZrSRbYWzgoIW4tH9hWXEMJw==>. Acesso em: 15 abr. 2021.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Teorias da aprendizagem**: um encontro entre os pensamentos filosóficos, pedagógicos e psicológicos [livro eletrônico]. – 2. ed. Curitiba: InterSaber, 2015. (Série Construção Histórica da Educação). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/26895/pdf/0?code=l6XhNWtiojBXC2kxSqN8JaRCxsUgWzUV5hADOdJbiZOx96CaoDnbGxQ3P8yNnS+GVXxCZKzWxGR0AX0AQJDpvw==>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PAIVA, Elisane Fank de. **Aprendizagem do aluno adulto**: implicações para a prática docente [recurso eletrônico]. Curitiba: Contentus, 2020. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/184421/pdf/0?code=pUgAmxfUhqEPAwUDEi9uJERGLI0RjPc+aH/xWNfU65Bz5KzjCyNWROavnJIBxMdi4fUtkDk14aXcMpDZ3ZQ==>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PILETTI, Nelson. **Aprendizagem**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2013. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/4127/pdf/0?code=Y6Cy+M9R6QqUkdBSFdRnfs27AilQeP5c99WsAzozQh3fKskthRDpMOwuTITJoMEe7c2MYg4qoT1J1xygvOmN3g==>. Acesso em: 15 abr. 2021.